O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: A CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO[1]

Nilma Lino Gomes[2]
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, MG, Brasil.
Glenda Cristina Valim de Melo[3]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, RJ, Brasil.
Branca Falabella Fabrício[4]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

[1] Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento que tornou possível esta tradução para o inglês (Processos nº 441968/2023-6 e 409067/2024-5). Traduzido para o inglês por Luciana Penna Fernandes.

[2] Professora titular da FAE/UFMG e emérita pela mesma universidade. Mestra em Educação (FAE/UFMG), Doutora em Antropologia Social (USP), pós-doutora em Sociologia (Universidade de Coimbra) e em Educação (UFSCAR). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social (FAE/UFMG) e colaboradora do Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA). Bolsista de produtividade científica do CNPQ. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-raciais e Ações Afirmativas (NERA/CNPQ). Coordenadora geral do INCT "Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina" (INCT Antirracismo/CNPq). Vice-coordenadora do projeto O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina (CNPq). Professora visitante do Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP (2026). Foi reitora pro-tempore da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB, 2013-2014). Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR, 2015-2016) e do Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (MMIRDH, 2015-2016). E-mail: nilmalinogomes@gmail.com e ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0767-2008. Agradeço ao CNPq pelo apoio (Processo 316741/2023-0)

[3] Professora Permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Departamento de Letras anglo-germânicas na mesma instituição. É bolsista produtividade do CNPq. Coordena o grupo de pesquisa Performatividades, Raça e Interseccionalidades (PRINT/CNPq). É vice-coordenadora do INCT/CNPq "Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina" e coordenadora geral do projeto O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina (CNPq). Email: glendamelo@letras.ufrj.br e ORCID. https://orcid.org/0000-0002-1878-5710. Agradeço ao CNPq pelo apoio (Processo 316741/2023-0).

[4] Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA/UFRJ). Integrante da equipe de pesquisadoras e pesquisadores do INCT "Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina" (INCT Antirracismo/CNPq) e do projeto O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina (CNPq). Foi professora visitante na King 's College, London. Sua pesquisa mais recente focaliza trajetórias textuais, circulação de discursos e performances identitárias em contextos online-offline. Suas publicações incluem a coletânea *A cidade fala: memórias, linguagens e resistências* (2025). E-mail: brancaff@letras.ufrj.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0006-9924. Agradeço ao CNPq pelo apoio (Processo no. 309794/2022-6).

Resumo: Nesta entrevista as professoras Glenda Valim Mello e Branca Falabella Fabrício conversam com Nilma Lino Gomes sobre o conceito *Movimento Negro Educador*, que investiga discursos, práticas e saberes afrodiaspóricos na América Latina. Nilma explica que o conceito nasce de sua trajetória pessoal e política como mulher negra, marcada por vivências de racismo e pelo contato transformador com o movimento negro. Essa experiência lhe permitiu reler a sociedade brasileira à luz das desigualdades raciais, compreendendo a raça como categoria política e social estruturante. Ao longo de sua formação e atuação docente, Nilma percebeu que os saberes críticos sobre racismo, identidade e história negra não foram aprendidos nas instituições formais, mas nos espaços de militância, nos coletivos e nas organizações negras. A partir dessa vivência, ela formula o conceito de *Movimento Negro Educador*, compreendido como um conjunto de práticas, saberes e ações políticas produzidas historicamente pela população negra. O encontro discute como saberes políticos, identitários, estético-corpóreos, e interseccionais são organizados, sistematizados e transformados em reivindicações e intervenções que reeducam tanto o próprio movimento quanto a sociedade. Tal transformação exige resistência, luta coletiva, consciência política e a construção de uma linguagem guiada pelo amor como ato político.

Palavras-Chave: Movimento Negro Educador; Saberes Afro-diaspóricos; Transformação; Emancipação; Reeducação.

THE BLACK EDUCATOR MOVEMENT: THE CONSTRUCTION OF A CONCEPT

Abstract: In this interview, professors Glenda Valim Mello and Branca Falabella Fabrício talk to Nilma Lino Gomes about the concept of the Black Educator Movement, which investigates Afro-diasporic discourses, practices and knowledge in Latin America. Nilma explains that the concept stems from her personal and political trajectory as a black woman, marked by experiences of racism and transformative contact with the black movement. This experience allowed her to re-examine Brazilian society in light of racial inequalities, understanding race as a structuring political and social category. Throughout her training and teaching career, Nilma realised that critical knowledge about racism, identity and black history was not learned in formal institutions, but in spaces of activism, collectives and black organisations. Based on this experience, she formulated the concept of the Black Educator Movement, understood as a set of practices, knowledge, and political actions historically produced by the black population. The meeting discusses how political, identity, aesthetic-corporeal, and intersectional knowledge is organised, systematised, and transformed into demands and interventions that re-educate both the movement itself and society. Such transformation requires resistance,

collective struggle, political awareness, and the construction of a language guided by love as a political act.

Keywords: Black Educator Movement; Afro-diasporic Knowledge; Transformation; Emancipation; Re-Education.

EL MOVIMIENTO NEGRO EDUCADOR: LA CONSTRUCCIÓN DE UN CONCEPTO

Resumen: En esta entrevista, las profesoras Glenda Valim Mello y Branca Falabella Fabrício conversan con Nilma Lino Gomes sobre el concepto Movimiento Negro Educador, que investiga los discursos, las prácticas y los conocimientos afrodiaspóricos en América Latina. Nilma explica que el concepto nace de su trayectoria personal y política como mujer negra, marcada por experiencias de racismo y por el contacto transformador con el movimiento negro. Esta experiencia le permitió releer la sociedad brasileña a la luz de las desigualdades raciales, entendiendo la raza como una categoría política y social estructurante. A lo largo de su formación y actuación docente, Nilma se dio cuenta de que los conocimientos críticos sobre el racismo, la identidad y la historia negra no se aprendían en las instituciones formales, sino en los espacios de militancia, en los colectivos y en las organizaciones negras. A partir de esta experiencia, formula el concepto de Movimiento Negro Educador, entendido como un conjunto de prácticas, conocimientos y acciones políticas producidas históricamente por la población negra. El encuentro discute cómo los conocimientos políticos, identitarios, estético-corpóreos e interseccionales se organizan, sistematizan y transforman en reivindicaciones e intervenciones que reeducan tanto al propio movimiento como a la sociedad. Tal transformación exige resistencia, lucha colectiva, conciencia política y la construcción de un lenguaje guiado por el amor como acto político.

Palabras-clave: Movimiento Negro Educador; Conocimientos Afrodiaspóricos; Transformación; Emancipación; Reeducación.

LE MOUVEMENT NOIR ÉDUCATEUR: LA CONSTRUCTION D'UN CONCEPT

Résumé: Dans cette entretien, les professeures Glenda Valim Mello et Branca Falabella Fabrício s'entretiennent avec Nilma Lino Gomes au sujet du concept Mouvement Noir Éducateur, qui étudie les discours, les pratiques et les savoirs afro-diasporiques en Amérique latine. Nilma explique que ce concept est né de son parcours personnel et politique en tant que femme noire, marqué par des expériences de racisme et par un contact transformateur avec le mouvement noir. Cette expérience lui a permis de relire la société brésilienne à la lumière des inégalités raciales, en comprenant la race comme une catégorie politique et sociale structurante. Au cours de sa formation et de son activité d'enseignante, Nilma a réalisé que les connaissances critiques sur le racisme, l'identité et

l'histoire noire n'étaient pas acquises dans les institutions formelles, mais dans les espaces de militantisme, les collectifs et les organisations noires. À partir de cette expérience, elle formule le concept de Mouvement noir éducateur, compris comme un ensemble de pratiques, de connaissances et d'actions politiques produites historiquement par la population noire. La rencontre aborde la manière dont les connaissances politiques, identitaires, esthétiques-corporelles et intersectionnelles sont organisées, systématisées et transformées en revendications et interventions qui rééduquent tant le mouvement lui-même que la société. Une telle transformation exige de la résistance, une lutte collective, une conscience politique et la construction d'un langage guidé par l'amour en tant qu'acte politique.

Mots-clés: Mouvement Noir Éducateur; Savoirs Afro-Diasporiques; Transformation; Émancipation; Rééducation.

INTRODUÇÃO

A primeira entrevista deste Dossiê, no contexto do projeto *O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina*/CNPq, tem como foco um diálogo das pesquisadoras Glenda Valim de Melo (UFRJ) e Branca Falabela Fabrício (UFRJ) com a pesquisadora e autora do conceito Movimento Negro Educador, Nilma Lino Gomes (UFMG).

A entrevista se desenvolveu por meio de uma conversa que envolveu aspectos teóricos, sociais, políticos e pessoais da trajetória de Nilma Lino Gomes que a ajudaram a formular o conceito, apresentado no seu livro O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação (VOZES, 2017).

O livro reconhece a potência desse movimento social nos processos políticos e educativos da sociedade brasileira, na construção de políticas, projetos e práticas antirracistas ao longo do século XX e neste século XXI. Enquanto um conceito construído no Brasil, o Movimento Negro Educador, observou-se o seu potencial emancipatório, o qual pôde ser expandido para

outros países latino-americanos envolvidos no projeto de pesquisa em questão. As semelhanças do histórico de colonização e escravidão de africanos e africanas no passado, bem como a luta contra o racismo e por inserção cidadã negra na democracia, no presente, mesmo com todos os limites e conquistas, são pontos comuns na trajetória da população afrolatinomericana e caribenha organizada. Cada país, a partir da presença negra nele constituída, com maior ou menor grau de densidade demográfica e capacidade de ação política, possui como ponto comum a luta contra o racismo, realizada por meio de organizações negras, com histórias, níveis de atuação e funcionamento próprios. Em todas elas o movimento negro ou afrolatinoamericano e caribenho possui o mesmo potencial educativo, reeducativo e político apontado pela autora.

Acreditamos que várias questões apontadas por outras pesquisadoras e pesquisadores latino-americanos que tiveram contato com a obra de Nilma Lino Gomes e ainda não tiveram ainda a oportunidade de ouvi-la, possam ser respondidas nesse diálogo aberto, afetuoso e franco produzido por essa entrevista, a qual foi realizada como um trabalho conjunto entre essas três mulheres e pesquisadoras negras e brancas, de gerações diferentes, instituições diferentes e com trajetórias de vida marcadas pela vivência no Brasil e sua complexa conformação social, política, econômica, cultural, racial e de gênero.

ENTREVISTA

Glenda Cristina Valim Melo (GCVM): Olá, bom dia, boa tarde, boa noite. Eu sou Glenda Mello, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e estou aqui com a professora Nilma Lino Gomes (UFMG) e com a professora Branca Fabrício (UFRJ) para a gente conversar um pouquinho sobre um projeto

de cooperação internacional intitulado Movimento Negro Educador. Discursos, Práticas e Saberes Afrodiaspóricos em Circulação na América Latina com Fomento do CNPq. Quero dar boas-vindas a todos e todas e passo a palavra para a professora Nilma. Olá, Nilma, bem-vinda.

Nilma Lino Gomes (NLG): Obrigada. Tudo bem, Glenda? Tudo bem, Branca? Prazer estar aqui com vocês e poder participar desse bate-papo dentro de um projeto internacional que é tão importante para todas e todos nós.

Branca Falabella Fabrício (BFF): Olá, é um prazer realmente estar aqui com duas colegas muito importantes para discutir o Movimento Negro Educador. Eu sou da UFRJ, Nilma é da UFMG e Glenda, também da UFRJ. Bom, para começar nossa conversa, é importante dizer que essa é a primeira entrevista de uma série que esse projeto de internacionalização tem feito. Nós somos um grupo composto por dezessete pesquisadoras e pesquisadores da América Latina e essa iniciativa faz parte da proposta de colocar em circulação um conhecimento sobre o Movimento Negro Educador. Então, começando a nossa conversa, eu quero perguntar para Nilma como nasce esse conceito.

NLG: Então, eu vou me apresentar um pouquinho: sou professora da faculdade de Educação da UFMG aposentada, voluntária, e sou titular e emérita dessa mesma universidade. E isso tem a ver com uma pequena parte da minha biografia, tem a ver com o conceito do movimento negro educador e como ele surge na minha trajetória. Eu acho que, em primeiro lugar, esse conceito surge das minhas próprias experiências de vida e políticas. Porque mesmo sendo uma mulher negra e tendo nascido em um espaço familiar no qual as pessoas se sabiam negras, tenho essa referência de uma família que mesmo se sabendo negra, estava envolvida pela branquitude, pelo mito do branqueamento, melhor dizendo. Meus pais se sabiam negros e nos criaram assim. Eu não tinha a dimensão de uma politização desse lugar racial, mesmo assim ele existia. Então, quando fui me tornando adolescente, jovem, adulta, e depois uma mulher já formada, já vivida e tal, tive melhor compreensão dessa

situação. Nessa minha trajetória de me saber negra, fui entender as dimensões mais sérias do racismo e de como isso afetava minha vida como negra e como mulher e afetava minha vida profissional depois de adulta. E depois de adulta, atuando como professora desde a educação infantil até EJA, em escolas públicas e muito pouco na iniciativa privada fui percebendo a existência do racismo e o que ele significava no contato com o Movimento Negro. Nesse processo, fui conseguindo fazer uma releitura da sociedade brasileira, à luz das desigualdades raciais, à luz das discriminações raciais, não somente à luz das desigualdades de classe, que era o mais forte na década de oitenta, quando eu entrei para o curso de pedagogia, na UFMG. Então, naquele período, nós estávamos no processo todo de queda da ditadura militar, reabertura política, logo depois nós tivemos a Assembleia Nacional Constituinte (1987) e a Constituição Federal (1988). Naquele momento tudo que estava represado, digamos assim, de um pensamento de esquerda, eclodiu no país, no Brasil, e principalmente no campo das ciências. Faço parte de uma geração que foi muito educada pelos movimentos sociais no que diz respeito às questões da desigualdade social, da desigualdade econômica, da questão dos malefícios do capitalismo, da luta da classe trabalhadora etc. Mas só quando tive contato com o movimento negro é que eu fui entendendo o que é raça, e como ao trazer a raça para pensar o Brasil e a nossa história, um outro panorama e um outro Brasil se abriam à nossa frente. E fui entendendo também o quanto a raça enquanto uma categoria política, uma categoria social, que é a forma como tenho trabalhado e tantos outros, não tem nada a ver com o apelo biológico ou genético. Pude entender como que sociologicamente a questão racial e a raça estruturam, são estruturais e estruturantes no nosso país, inclusive da questão econômica, como que o capitalismo, emaranhado ao racismo, foi a base da expropriação do trabalho nesse país por meio da escravidão e como isso estruturou a nossa economia e formou uma sociedade muito mais complexa.

E tudo isso incide de forma diferente para as pessoas brancas e para as pessoas negras em nosso país. Isso eu só fui aprender quando tive contato com o movimento negro. Isso eu não vi na escola, não vi na escola básica, não vi quando me formei como professora, não vi no curso de pedagogia, nem tampouco no mestrado. É no mestrado que começo a trabalhar com pesquisa sobre relações raciais e educação, e, nesse momento, passei a ter contato com integrantes do movimento negro em Belo Horizonte. Na UFMG, eu e outras colegas nos articulamos como um grupo de jovens negras e construímos o Grupo Interdisciplinar de Estudos Afro-brasileiros (GIEAB), no início dos anos 90, e levamos a discussão racial para a universidade e fora dela. Então, tudo isso foi forjando, digamos assim, o que depois se desdobrou no conceito Movimento Negro Educador. Eu mesma sou uma pessoa que fui reeducada pelo movimento negro.

BFF: Como é que você define o conceito para quem não o conhece?

NLG: Antes de responder, gostaria de complementar o meu pensamento sobre como fui educada e reeducada por esse movimento social. O movimento negro me reeducou também a conhecer o que é o continente africano e me ajudou a conhecer outra história sobre o continente africano, sobre a humanidade desse continente, o que significaram os processos de colonização, temas que jamais vi na educação básica, nem no magistério, nem tampouco na pedagogia ou no mestrado. Aos poucos, fui entendendo que o movimento negro não é só um agente político, um ator social, um reconstrutor de identidades fragmentadas. Ele não é apenas um movimento que produz demandas, impacta e leva essas demandas para o Estado, para a sociedade, para a educação, Ele é mais do que isso, porque faz tudo isso e, além disso, reeduca as pessoas em relação ao que é o racismo, a importância da raça, a importância da luta antirracista. Ele ajuda a desconstruir uma série de estereótipos que nós temos sobre o próprio continente africano e sobre a vida das pessoas negras no Brasil. Ele nos ensina que as relações sociais brasileiras

não podem ser discutidas e pensadas de forma crítica sem considerar também a dimensão racial. E o que mais dentro desse processo de educar e reeducar provocado pelo movimento negro me ajudou a pensá-lo como Movimento Negro Educador? Esse conceito diz respeito ao que fui observando e vivendo. Esse movimento realiza todo esse processo educativo e reeducativo porque aprende e bebe na fonte dos processos educativos, dos saberes construídos pelo povo negro ao longo da história do nosso país. Então, ao longo da história deste país, negros e negras foram se organizando, produzindo saberes, construídos nas lutas contra o racismo, desde aquelas mais cotidianas até as mais organizadas politicamente. Quando negros e negras se organizam em um movimento social, há saberes que são produzidos no contexto histórico de luta da população negra, e que são preciosos para a gente entender melhor o Brasil, para as pessoas negras entenderem mais a si mesmas, e as pessoas brancas antirracistas se posicionarem, entendendo que essa luta antirracista também é delas.

Então, que saberes são esses? Eu os chamo de saberes políticos, identitários e estético-corpóreos. Mais recentemente, inclui os saberes da indignação e os saberes interseccionais. Nos saberes interseccionais estão incluídos o afeto que emancipa e a relação sororidade/ubuntu. Então, o Movimento Negro Educador, bebe nessa fonte, aprende, dissemina, se educa por meio desses saberes. E aí o que ele faz? Ele organiza esses saberes e os transforma em reivindicações, em bandeiras de luta. Dessa forma ele passa a pressionar o Estado, a sociedade e os poderes hierárquicos que existem na nossa sociedade. Ele organiza esses saberes e os transforma em demandas políticas. Ao fazer isso, ele educa e reeduca a si mesmo e educa e reeduca a própria sociedade na qual está inserido.

Por isso, ao trabalhar com o conceito do Movimento Negro Educador, não basta dizer simplesmente que ele educa e reeduca. É preciso compreender que ele é um organizador, um sistematizador e um articulador desses saberes

emancipatórios produzidos pela população negra ao longo da sua história. Nesse processo, ele realiza uma intervenção política intencional, direcionada à emancipação da sociedade e à luta contra o racismo. Trata-se de uma intervenção social, cultural, política, educativa e artística, a partir da qual ele vai organizando e reorganizando esses saberes e construindo outros.

O conceito do Movimento Negro Educador é mais complexo do que muitas vezes as pessoas falam, porque a palavra "educador" nesse conceito, é muito forte. Ela tem que ser entendida na relação com a construção de saberes emancipatórios. Não são quaisquer saberes. São os saberes que emancipam, que retiram as pessoas negras do lugar de subalternização que o racismo e as desigualdades de todas as ordens as colocam. Desigualdades que se impõem sobre negros e negras em camadas de subjugação, humilhação e desumanização. Por exemplo, se são mulheres negras, se são jovens negros, se são pessoas negras trans, se são as mulheres negras idosas, se são crianças negras ... As desigualdades acumuladas que incidem sobre as pessoas negras são de tal ordem que elas podem, inclusive, ser subdivididas. Nisso está a perversidade do racismo.

Essa reflexão não significa, como alguns criticam, operar uma fragmentação na análise social, política, cultural e econômica da sociedade. Muito pelo contrário, acho que ela traz à cena a capacidade de refinamento da perversidade do racismo e mostra como esse fenômeno cruel pode atingir uns mais do que outros, dentro da própria população negra.

BFF: Nilma, eu acho que vou fazer uma pergunta que está relacionada com isso. É uma pergunta que é inspirada em uma outra entrevista, durante a qual a Karina Godoy colocou que um dos desafios maiores, para ela que é educadora e filiada ao movimento negro, é lidar com um movimento branco educador, que vai justamente na contramão de tudo isso que você está dizendo, porque respalda saberes já estereotipados e saberes que têm ampla circulação e que são alvo de "grande privilégio", vou colocar aspas, aspas.

Como é que você vê isso mediante essa complexidade que você acabou de explicar? E quais os desafios que isso tem que implicar?

NLG: Primeiro, quando falo sobre o Movimento Negro Educador, estou partindo de uma discussão da teoria dos movimentos sociais. Entendo o Movimento Negro como um grupo organizado em uma sociedade desigual, que possui uma série de antagonismos. E o Movimento Negro luta e atua nessa sociedade para denunciar desigualdades e intervir politicamente na superação dessas desigualdades e do racismo. Estou partindo desse pressuposto que alguns outros autores e autoras já vêm chamando a atenção. Por exemplo, Ilse Scherer-Warren, Maria da Glória Gohn e Miguel Arroyo já escreveram sobre as dimensões educativas e pedagógicas dos movimentos sociais. Se a gente quiser alargar, Paulo Freire, de alguma forma, falava sobre isso quando trabalhou a ideia da pedagogia do oprimido, embora ele não estivesse trabalhando diretamente com a categoria de movimento social, mas dá para inspirar, entendeu? Compreendo o Movimento Negro Educador dentro dessa agência de transformação. Não acho que o que foi chamado de movimento branco educador tem essa intencionalidade transformadora porque para mim não existe esse tipo de movimento social.

Não é possível a existência de um movimento branco educador porque qualquer forma de organização desse tipo, se existisse, não seria nem educativa e nem transformadora, mas sim, opressora. O grupo branco na sociedade brasileira e na América Latina está no topo das hierarquias de poder, de opressão, de domínio do capital. E isso vem de processos coloniais e históricos. Basta a gente pensar sobre o que significou a invasão colonial das Américas. Quem fez a invasão colonial não foram as populações indígenas e nem os povos africanos, foram os europeus, os brancos europeus, nas suas mais diversas formas de se consolidar como Europa e Europa Ocidental, no passado.

Para acumular poder, riqueza e expandir a dominação colonial as terras invadidas foram saqueadas: ouro, minerais finos, pau brasil, monoculturas diversas foram realizadas, territórios divididos, mulheres indígenas e africanas violentadas, povos escravizados. Conhecimentos indígenas e africanos foram apropriados e vidas foram ceifadas. Muitos foram assassinados, para o apogeu de um grupo racial, para a construção da hierarquia desse mesmo grupo, a saber, os brancos. Esse passado está enraizado na configuração histórica, social e cultural latino-americana e caribenha e está na estrutura das nossas sociedades. Assim como também está, nessa mesma estrutura, a resistência indígena e negra, na luta dos africanos e africanas escravizados contra a escravidão. E hoje somos nós, negras e negros brasileiros e de outros países latino-americanos e caribenhos, seus descendentes que levamos à frente as lutas contra as relações desiguais de poder, contra a dominação capitalista e racista e as opressões.

Quando pensamos sobre essas relações de poder e as lutas contra a sua perversa existência, pensamos em dois grandes grupos raciais que existem no Brasil, do ponto de vista quantitativo e de sua existência nas hierarquias de poder, a saber: negros e brancos. Isso não quer dizer que todas as pessoas brancas são opressoras, é óbvio. Estamos refletindo sociologicamente e pedagogicamente sobre uma situação mais ampla e histórica que conforma as relações de poder e os lugares historicamente ocupados por negros e brancos em nossa sociedade. Ou seja, as desigualdades entre negros e brancos, no contexto atual, tais como educação, mercado de trabalho, mídia, política, esfera jurídica, entre outros, foram produzidas em cima da dominação, da escravidão, do racismo e da opressão racial e de gênero. E essas desigualdades têm como base a dominação de um grupo étnico-racial sobre o outro, desde os tempos coloniais, e não somente a dominação de classe.

Então, considerando essa história, não seria possível conceber a existência de um movimento branco educador. Eu não vejo nem a existência de

um movimento social branco, de caráter emancipatório. Vejo pessoas brancas que participam de movimentos sociais. É preciso tomar cuidado com isso. Por exemplo, a Klu Klux Klan é uma organização de brancos supremacistas norte-americanos e há outras semelhantes enraizadas em vários lugares do mundo. Mas na minha opinião, esses grupos não são nem movimento social e nem tampouco educadores. Por isso é preciso tomar cuidado para não empregar o conceito Movimento Negro Educador, que é oriundo da radicalidade das lutas negras, para outros grupos étnico-raciais com outro histórico de conformação e, em especial, levá-lo para o campo da branquitude, mesmo que pensemos em uma branquitude crítica, nos dizeres da psicóloga social Maria Aparecida Bento.

Se houvesse um movimento branco, pra mim, ele seria deseducador. O conceito de Movimento Negro Educador vai na contramão dessa deseducação produzida pelas relações raciais desiguais. Ele indaga as pessoas brancas que estão no poder e não repensam esse lugar e nem se comprometem em democratizar a sociedade para todos os grupos étnico-raciais que nela vivem. É certo que nos últimos anos há um aumento do número de pessoas brancas que começam a repensar a sua branquitude e os seus privilégios. A ficha está caindo para essas pessoas no que se refere à participação de seus ancestrais e a sua própria participação na manutenção da dominação, da opressão, do racismo.

Há pessoas brancas que estão se repensando. E isso pode ser visto no nosso próprio projeto de pesquisa Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina. A sua presença, a presença dos professores Rodrigo Rosistolato (UFRJ), Claudiana Alencar (UECE), Marília Pinheiro (IFSP) e de tantos outros colegas autodeclarados brancos, tem nos mostrado que ao fazermos uma análise crítica desses processos de opressão, nós podemos trabalhar juntas e juntos; negros e brancos antirracistas. E é justamente aí que somos reeducados pelo

Movimento Negro Educador. Ele nos ensina que nas lutas contra o racismo e as opressões, não podemos perder ninguém. Temos que somar, porque isso nos fortalece e isso vai, quem sabe, produzir outras subjetividades no futuro, nas gerações que virão. Subjetividades que já vêm desde muito cedo, entendendo criticamente a sociedade e o seu lugar, diferentemente do modo como a nossa geração foi formada.

Por isso são tão importantes a Lei 10.639/03, a Lei 11.645/08, a Lei de Cotas, o Estatuto da Igualdade Racial, as políticas de ações afirmativas, as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola, entre outras. Fazemos parte de um momento histórico e político de formação de novas mentalidades sobre o diverso, as relações raciais e o combate ao racismo. Faço uma aposta de que é possível construirmos uma sociedade mais equânime, mesmo diante de tantos ataques contra a democracia que temos assistido nos últimos anos no Brasil e em outros países da América Latina e Caribe.

BFF: Então acho que eu vou reformular a pergunta para movimento branco deseducador.

NLG: Eu não chamaria nem de movimento, entendeu? Porque como eu trabalho dentro da teoria dos movimentos sociais, em uma dimensão crítica, para ser movimento social é preciso estar inserido em uma postura crítica contra as relações de poder, contra Estados autoritários etc., etc. Quando dou o nome de movimento branco seja educador ou deseducador, na minha concepção, estou levando um debate teórico, crítico e político para um contexto no qual ele não cabe. E por isso, não cabe também formular um conceito às avessas do que tenho discutido e debatido. Eu diria que vivemos imersas em históricas hierarquias, opressões e violências, desde os tempos coloniais, nas quais o poder branco deseduca. Estamos falando sobre o poder branco secular, o que inviabiliza a possibilidade de existência de um movimento branco educador ou deseducador, na minha concepção.

BFF: Entendi, perfeito. Obrigada.

GCVM: Nilma, te ouvindo, eu fiquei aqui pensando: como é que você vê o Movimento Negro Educador nos contextos contemporâneos e como é que ele dialoga com a sociedade, hoje? Porque você traz para a gente todo um histórico de como é que ele vem dialogando com a sociedade no passado, faz uma reflexão interessante sobre o poder e o poder branco. Mas como é que você vê a importância do Movimento Negro Educador no momento contemporâneo?

NLG: Então, depois eu quero poder falar para vocês um pouquinho como é que eu cheguei no conceito, porque eu não terminei de explicar rsrs!

GCVM: Ah, então vamos ouvir como é que você chegou ao conceito.

NLG: Vamos para a resposta a essa sua pergunta primeiro e depois eu volto ao conceito.

GCVM: Tá bom.

NLG: Então, como é que eu vejo hoje o movimento? No meu livro, O Movimento Negro Educador (Vozes, 2017), primeiramente conceituo o que entendo por movimento negro. Chamo a atenção de que estou dialogando com o movimento negro do século XXI. Ou seja, estamos diante de uma gama de expressões, de grupos, de formas de reivindicar etc., que hoje vivemos na sociedade brasileira, e que eu entendo como formas organizadas de reivindicação e de luta contra as históricas relações de poder. Essa profusão de organizações e grupos são responsáveis por formular demandas ao Estado e à sociedade a ponto de, hoje, nós termos políticas de igualdade racial. Isso era impensável no Brasil, na década de cinquenta, sessenta, na ditadura então, menos impensável ainda. Mas pensar o Brasil de hoje com políticas de igualdade racial é entender que existe um sujeito político tensionando há muito tempo para que isso aconteça.

Então, sempre chamo a atenção para o seguinte fato: as políticas de igualdade racial que nós temos hoje, elas não vêm do Estado como obra e graça dele. Elas vêm de uma ação política do movimento negro que pressiona

todas essas instituições e que num determinado contexto histórico político se articulam a um governo de esquerda, a uma proposta de governo de esquerda, na qual muitos ativistas do movimento negro atuam, nesse contexto da construção política das esquerdas. Houve um acordo de que, uma vez chegando ao poder, esse governo de esquerda olharia com atenção para todos os grupos e movimentos sociais que o apoiaram. É isso que aconteceu nas eleições de 2002. Então, quando a gente vê a Secretaria de Políticas de Igualdade Racial (SEPPIR), que hoje foi transformada em Ministério da Igualdade Racial (MIR), políticas de cotas nas Instituições Públicas Federais de Educação etc., tudo isso é produto de um governo de esquerda eleito e que passou a coordenar o Estado brasileiro. Ok, mas antes disso, é de toda uma pressão histórica e toda uma negociação naquele momento político que possibilitou isso, é uma negociação com muita pressão e com muita tensão, não foi simples.

Nesse contexto atual entendo que o movimento negro congrega todas as formas de organização, de tensionamento, de articulação de grupos, de pessoas, que levantam uma demanda de superação ao racismo para a sociedade brasileira como um todo. Entendo que os grupos culturais, os grupos sociais, os grupos religiosos, artísticos, políticos etc., que têm como eixo central a luta contra o racismo, a denúncia das situações do racismo e o combate à desigualdade racial são movimento negro. Se não tem esse eixo central, que é o combate ao racismo, eu não vou entender esse grupo como o movimento negro do século XXI.

Assim, é essa organização complexa que entendo como movimento negro desse momento contemporâneo, ou seja, uma profusão de formas organizativas negras, de norte a sul do país, Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste, para não ser colonial, pensando somente a relação Norte e Sul. Então, no momento contemporâneo, vejo que tem várias formas de atuação. Uma é uma ação de uma juventude negra que vem se organizando, né? E essa

juventude negra vem se organizando muito por meio das redes sociais, muito por meio de coletivos de estudantes negros. Eu vejo isso tanto na educação básica quanto no ensino superior, mais ainda no ensino superior, em função das políticas de ações afirmativas e da entrada maior desses sujeitos para o ensino superior brasileiro. Entendo que, nesse momento atual, você tem organizações incríveis de mulheres negras além das mais clássicas, temos organizações de mulheres negras jovens, hoje.

Por exemplo, atualmente temos um movimento de trancistas negras, coisa que não acontecia antes, e que é um movimento que luta por uma afirmação estética e, ao mesmo tempo, por uma profissão. Atualmente, a trancista é considerada como uma categoria no campo das profissões, isso foi luta política. Você tem as comunidades-terreiro, por exemplo, que há um tempo atrás não se organizavam politicamente como hoje vêm se organizando, inclusive fundando organizações que as representam em função do próprio racismo religioso que cada vez aumenta. Hoje nós temos a organização de intelectuais negros e negras, temos a organização quilombola, que assumiu um lugar de destaque no nosso país, inclusive com políticas voltadas para a questão quilombola, com um grande foco na educação. Então atualmente vejo essa profusão de expressões políticas negras. Cada uma delas atua no contexto contemporâneo, na especificidade da sua luta enquanto integrante dessa grande organização política, social, educacional e cultural: o movimento negro do século XXI. E eu as entendo como Movimento Negro Educador devido a todos esses processos que eu falei no início desta entrevista. E o que é muito interessante nessa profusão é que todas elas atuam em prol de um objetivo comum: o combate ao racismo. Não existe nenhuma organização de movimento negro, seja do século passado, seja do século XXI, que não tenha esse objetivo central. Essas organizações sabem da existência do racismo, e querem combatê-lo e superá-lo. E querem produzir uma sociedade democrática e antirracista. Esse é um ponto comum.

As formas como cada uma vai atuar são as mais diversas, de acordo com a especificidade daquela organização/expressão do movimento negro. Um outro ponto que entendo e que é um ponto comum dessas lutas é que elas possuem um acordo em relação à história de Quilombo dos Palmares e a presença forte de Zumbi na construção da luta por libertação da nossa sociedade. O reconhecimento da história de Palmares como um símbolo de resistência, bem como de uma série de outros quilombos que existiram no Brasil e que existem hoje no Brasil, pois os quilombos vivos e ativos. Não é? O dia 20 de novembro, Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, hoje é um feriado nacional, e é fruto de uma luta histórica do movimento negro. Uma luta que tem reeducado o Brasil.

Fico imaginando Oliveira Silveira, todos aqueles ativistas negros do Grupo Palmares, em Porto Alegre, no ano de 1971, que começaram a discutir a importância do dia 20 de novembro em contraposição ao 13 de maio... Se eles pudessem ver que atualmente a sua luta se transformou em um debate político, educacional e cultural... seria maravilhoso! Então, acho que esse é um outro ponto comum. E outro ponto que vejo que é comum a todas as organizações do movimento negro brasileiro é a implementação das ações afirmativas, como políticas de igualdade racial, de reparação e de construção de um novo espaço de direito das pessoas negras na sociedade brasileira, nas mais diversas áreas.

Estou pensando nas ações afirmativas como um grande princípio e como políticas, agora, sobre a modalidade a ser implementada, se é cota, se é bônus, se é lei, se é decreto, se é plano, temos uma variedade de opiniões e adesões de acordo com as expressões desse movimento negro. Vamos analisar: se a gente tem hoje uma discussão sobre o racismo religioso no Brasil, é porque, dentro desse movimento negro educador, os grupos que lutam pelo reconhecimento, pelo direito da sua fé religiosa, ou seja, as comunidades religiosas afro-brasileiras, conseguiram cravar na nossa gramática política o conceito de racismo religioso que sequer existia antes. O movimento dos povos

e comunidades tradicionais de matriz africana nos reeducou e nos reeduca sobre essa situação perversa. Mais do que intolerância, isso é a expressão do racismo em relação às religiões de matriz africana e as pessoas que as professam. E esse racismo vai incidir de forma diferente se essas pessoas forem brancas ou negras.

Você tem a discussão sobre mulheres negras hoje, e como nós, mulheres negras, ocupamos lugares subalternizados nas hierarquias sociais, nas hierarquias de gênero, estamos lá na base da opressão, da violência, de todas as ordens. Então, se hoje nós temos uma discussão sobre o feminicídio negro, essa discussão veio do movimento de mulheres negras e das jovens negras mulheres organizadas em movimento. Por quê? Porque todos os dados estatísticos apontam para o fato de que nós, mulheres negras, somos as principais vítimas de feminicídio. E o movimento de mulheres negras denuncia, ressignifica a discussão e nos reeduca.

Ele afirma: não é só feminicídio. É um feminicídio negro. Existe um feminicídio negro e é preciso ter uma especificidade de política, de intervenção, de denúncia, de cuidados da saúde, psicológicos, de saúde mental, em relação às mulheres negras. A Glenda trabalha com a questão da violência obstétrica, E isso tem uma incidência sobre nós mulheres negras de uma forma extremamente perversa, e não fomos nós, as pesquisadoras, que primeiro falamos sobre isso. Quem falou sobre isso foram as mulheres negras, desde lá, desde a década de setenta, oitenta.

Essa ideia foi sendo formulada dentro da discussão dos direitos reprodutivos, nas quais as mulheres negras entraram com a dimensão racial mostrando que ao discutir direitos reprodutivos em nosso país, é preciso fazer um aprofundamento de raça, gênero e classe e orientação sexual. Além disso, organizações do movimento negro voltadas para o direito das pessoas negras e LGBTQUIA+ trouxeram esse debate para a pauta do movimento negro e têm

pressionado para que se compreenda que o racismo e o machismo incidem ainda mais sobre as pessoas negras e trans.

BFF: Glenda, queria engatar uma pergunta nessa, porque, Nilma, você está falando de contextos de violência, contextos violentos. Você falou de intolerância e falou de redes sociais. E eu acho, pensei, em relação à pergunta da Glenda, dos contextos contemporâneos, como é que você vê nas redes sociais, na web, o aumento de violência simbólica? Há muita violência e palavras brutas, palavras ofensivas que decretam a morte social dos sujeitos e sujeitas envolvidas. Então, quero emendar duas perguntas. Como é que você vê, como é que o Movimento Negro Educador lida com a circulação de ódio, esse afeto, que eu acho que é um dos afetos predominantes nas redes sociais? E aí, assim, já vou emendar com a questão da linguagem. Que papel você acha que a linguagem tem no Movimento Negro Educador como estratégia de luta, de resistência? Me ocorreu enquanto você estava falando.

NLG: Então, eu acho que no caso das redes sociais existe hoje uma profusão de formas de relatos, de intervenções, de *lives*, de TikTok, essas coisas todas das redes sociais, que são antirracistas, que são realizadas, desenvolvidas, ou por ativistas do movimento negro, ou por organizações, colocando seus feitos, sempre registrando seus feitos nas redes sociais. Penso que nas redes sociais os discursos de ódio têm sido hegemônicos, pelo menos no nosso país. Não me parece que os discursos que trabalham com o amor, a paz, a compreensão, a união entre as pessoas, o antirracismo sejam os que mais circulam. Eu acho que os discursos, as mensagens de ódio nas redes sociais, circulam mais porque tem capital envolvido e investido. Eles fazem parte de projetos de poder da nossa sociedade. E um dos projetos de poder é usar a própria linguagem. A própria forma como essas mensagens chegam, como se comunicam com as pessoas faz parte de um projeto de poder e de dominação.

Podemos pensar no Instagram, no X e vemos que hoje é comum assistirmos um religioso ou uma religiosa fundamentalista, um deputado ou deputada ou outro tipo de liderança destilando ódio. E temos o WhatsApp que vai sendo usado para fazer circular uma série de mentiras. Em todos temos investimento financeiro de grupos poderosos, alimentando robôs etc. Então isso faz com que essa linguagem do ódio circule mais. Ela pode ser uma forma de se comunicar com os interlocutores, de levar mensagens de forma mais rápida, ágil e o teor delas se expande muito mais. Enquanto o espaço do movimento negro e de outros movimentos sociais é de luta e resistência. Nele, o capital não investe. O capital não investe nesse tipo de espaço, porque fazer isso é ir na contramão da própria relação de poder que ele estabelece. É difícil lutar contra as narrativas do ódio, entende? Porque, veja bem, a gente sabe que uma das formas de produzir narrativa do grupo opressor tem sido desvirtuar a situação do que realmente acontece. São mentiras que vão se repetindo, repetindo, repetindo até as pessoas acharem que aquilo é uma verdade. Quando você está no campo da resistência, no campo progressista, nós não vamos agir dessa mesma forma. Nós não vamos agir assim. É um contrassenso, uma incoerência.

Então, o campo da resistência precisa, sim, fazer uma leitura crítica da realidade, mesmo que isso cause desconforto e dor. Não podemos inventar mentiras e dizer se você acreditar nisso ou naquilo tudo vai melhorar na sua vida e ficar tudo bem. Precisamos analisar e explicitar que certas situações vividas são frutos de opressão e se você não lutar, não se juntar com outras pessoas que também lutam, isso não vai acabar. Esse discurso da resistência não é atraente para determinadas pessoas e subjetividades.

BFF: Circula menos, não é? Você pensa na pesquisa da Glenda. Que a pesquisa da Glenda fala sobre como é que o ódio circula muito mais.

GCVM: Circula.

NLG: E aí a gente pode perguntar por que o ódio circula muito mais, não é? Porque a nossa estrutura é uma estrutura de violência. A nossa estrutura é de violência, é de dominação. A linguagem que circula mais rápido e que atrai é a linguagem do poder. Essa atrai, essa vem dos tempos coloniais até agora. Então, eu acho que é por isso que esse outro lado da cultura e do discurso do ódio circula mais. Porque isso tem a ver com as nossas estruturas, com a formação do nosso imaginário social, com as relações de poder e opressão. E quando a gente olha a história do Brasil, a ditadura, as violências etc., notamos que tivemos muito mais tempo histórico, político, cultural e educacional de consolidação das relações opressoras e violentas de poder do que de democracia. Tivemos menos tempo para as pessoas aprenderem livremente a ser quem são e viver com dignidade. A gente tem muito pouco tempo de democracia, de fato, no nosso país.

BFF: São alguns anos agora, né?

NLG: Exato, porque às vezes a gente olha pensando que os tempos democráticos que nós vivemos fazem parte de uma boa parte da história do Brasil. Não, o Brasil é um país que se construiu com interrupções muito longas de processos um pouco mais democráticos, digamos assim. E de mais tempo de consolidação dos poderes autoritários. E isso significa poder econômico, poder cultural, não é isso? Poder intelectual, etc.

Tenta tirar esses grupos historicamente no poder desse lugar? Fale com eles que a gente tem que tratar as pessoas de forma equânime? Falar e fazer isso significa redistribuir poder. Redistribuir poder, redistribuir riqueza. Então, a linguagem aí, para mim, ela opera nesse sentido, nessa construção de uma série de discursos, de uma série de formas de falar sobre o outro, de falar sobre si, e essas falas, muitas vezes, elas vêm impregnadas de estereótipos, de estigmas, de mentiras, de exaltação de um determinado padrão de beleza, de cultura, de um padrão de inteligência. E esses padrões são construções. Eles não são reais. São construções.

O padrão branco, masculino, rico e persistente no Brasil é aquele que tem um sonho com uma imagem de uma Europa imaginária, perfeita, totalmente dominadora que, na realidade, nunca existiu. É um ideal autoritário, racista, machista e classista. Quando a gente analisa essa situação, estamos criando uma outra narrativa, uma forma de resistência e de se contrapor a esse padrão. De afirmar que o Brasil não é branco. Ele é diverso do ponto de vista cultural, racial, étnico, de orientação sexual, de gênero. Então, quando fazemos essa análise, desconstruimos discursos de ódio. Construímos uma linguagem emancipatória, que tensiona a linguagem da opressão, da violência. E construímos outras narrativas. E eu acho que são essas outras narrativas que o Movimento Negro Educador construiu. A narrativa da riqueza do continente africano foi o movimento negro que construiu e ele que nos reeducou.

O Movimento Negro Educador é quem educou e reeducou a nossa sociedade em relação à deseducação que nós vivíamos e ainda vivemos sobre o próprio continente africano e as suas riquezas. A África, compreendida não somente como espaço da colonização do outro. Inclusive, nos educa a refletir sobre os conflitos que a África vive no contexto atual, as lutas pela descolonização contemporânea do neoliberalismo e as corrupções que também acontecem nos vários governos dos mais diferentes países africanos. Entender o continente africano como um continente complexo, como tantos outros e não só como o lugar da pobreza. É um espaço real, geopoliticamente localizado no mundo.

BFF: Glenda, acho que a Nilma está dizendo para a gente que tem que trazer linguagens, história e sociedade para a linguagem, não é?

NLG: Com certeza, tem que trazer. E sabe o que eu acho, gente? Vejo o campo da linguagem como algo muito potente. Muito potente. Aprendo isso com vocês. Aprendo com vocês do campo da linguística aplicada e da análise da crítica do discurso. Eu acho que, nesse contexto contemporâneo, esse campo poderá nos ajudar a emancipar mais, sabe? A entender como essa

linguagem emancipatória pode circular e, principalmente, a compreender a linguagem emancipatória produzida pelos movimentos sociais. Estou chamando a atenção para o Movimento Negro Educador. Não precisaria inventar algo novo, novos conceitos ou reinventar, mas olhar para a sociedade, olhar para essa história, olhar para esses movimentos.

Há uma série de formas dessa linguagem acontecer de maneira emancipatória, por meio de uma série de discursos que a gente poderia, como pesquisadoras e pesquisadores, contribuir, inclusive, nesse processo de luta por nós mesmos. Nós estamos em um momento, a partir do ano de 2025, em que todos os jornais e a leitura crítica da mídia tem chamado a atenção sobre o ataque à nossa soberania. A nossa soberania nacional. O que a gente pode fazer para contribuir nesse sentido? Atuar epistemologicamente sabendo da potência política de uma ciência emancipatória.

Analisando a história da ciência, nunca política e ciência estiveram separadas. Então, acho que quando as pessoas nos julgam e dizem que, ao abordarmos fenômenos como o racismo e produzirmos conhecimento que ajudam na construção política de uma crítica sobre essa situação na sociedade, elas mostram que há, na realidade, uma grande ignorância sobre como a ciência foi e tem sido construída. Ela não está separada.

De tanto ouvir isso, hoje, encontrei o meu lugar para rebater esses pensamentos ignorantes: eu me assumo como uma intelectual negra engajada. Faço e produzo ciência engajada com a transformação da sociedade. É isso que eu sou. Ah, quer conversar comigo? Quer somar comigo? Muito bem. Não quer, tchau. Eu não sou uma intelectual que se coloca como neutra na sociedade e na ciência. Tenho um lado e o assumo. Eu assumo que o meu lado é produzir conhecimento que ajude na transformação social, na melhoria de vidas. É isso que eu quero fazer com e pelo conhecimento. Porque, pensa bem, quando você pensa, e vê uma grande descoberta da ciência na área da saúde, que conseguiu nos ajudar a intervir em uma série de doenças e mazelas que

estavam acometendo a sociedade etc. Não é uma transformação? Não é uma produção científica, uma ciência na área da saúde que possibilitou uma intervenção social em algo que causava mazela e causava dor e sofrimento para tantas pessoas? Não transformou positivamente a sociedade?

Por que na área das ciências humanas e sociais, quando o nosso conhecimento crítico é produzido também para transformar a sociedade, ele é desconsiderado como conhecimento? E nós somos desconsideradas, por exemplo, como pesquisadoras para alguns grupos hegemônicos da ciência. Acho que é isso que a gente tem que seguir discutindo e conversando para compreender melhor e superar determinados tipos de estereótipos. E certos medos também. Muitas vezes as pessoas têm medo de chegar e se posicionar porque falam: ah, não sei como é que eu vou ser interpretada e tudo mais. Eu não sei, acho que é um pouco isso. A gente vai ficando mais velha também e vai se sentindo um pouco mais livre, não é? Isso tem a ver com maturidade e idade.

GCVM: Nilma, eu acho muito interessante o que você coloca sobre a linguagem. Leva a gente a pensar, por exemplo, na própria formação do profissional da área de letras. A gente vai vendo a necessidade de uma circulação de um outro tipo de conhecimento para que ele consiga fazer esse raciocínio crítico. E eu acho que isso é algo ainda muito cristalizado nas universidades, um conhecimento linguístico ainda que não dialoga com a sociedade, com a história, que fica parado em perspectivas muito mais estruturalistas da linguagem. E a gente vê isso, por exemplo, em cursinhos, as pessoas preocupadas com as regras gramaticais e sem ter noção de que a gente age na linguagem, de que a gente faz coisas com essa linguagem, que a gente coloca em circulação uma série de discursos que ferem, que podem curar, que podem emancipar pessoas.

Eu acho que o movimento negro educador, e também a sua obra, o seu trabalho, nos leva, nos provoca a isso, principalmente a gente que está aqui na

área da linguística, da linguística aplicada, na área do discurso, a pensar justamente que essa relação entre a linguagem, discurso, sociedade e história não pode estar desvinculada em nenhum momento. E que, na hora que a gente pensa na Lei nº. 10.639/03, nas atualizações dela, ela também é um trabalho do profissional da área de letras porque é na linguagem que essas coisas também vão mudando. Se a gente não conta outras narrativas, a gente vai ensinar, por exemplo, o profissional da área de letras que ensinar inglês é a estrutura e que não se faz nada com a língua inglesa e que as pessoas estão agindo no mundo com inglês, por exemplo, com espanhol, com português, com LIBRAS e com uma série de outras linguagens, e colocando, e tendo aí disputas de poder, de narrativas que são muito reais no nosso cotidiano. Você traz para a gente essa provocação de a gente pensar uma área de letras e uma área da linguística aplicada, mais especificamente, com muito mais diálogo e muito linkada com a sociedade. Então, se a gente está estudando o X, como é que isso contribui para a gente melhorar o mundo, como você falou?

E a gente vê cada vez mais nas universidades públicas e particulares, que a gente não fala das universidades particulares, e elas têm uma quantidade imensa de pessoas e perspectivas teóricas, às vezes, que a gente já nem discute mais, e isso vai para a escola pública, isso vai circulando em espaços e naturalizando determinadas formas de ciência, de conhecimento, de corpos que podem ter acesso e que devem fazer isso ou não aquilo. Eu acho que você traz uma grandeza.

O conceito do Movimento Negro Educador não é só um conceito também, é uma prática. E eu acho que você vai mostrando isso para a gente. É uma prática também de vida, de olhar para o mundo com esses saberes emancipatórios, com esse movimento que vai organizar esses saberes. Então, acho que você traz para gente... assim... me sinto assim convocada e provocada a contribuir para um campo que é da linguagem, mas que seja muito articulado com a vida e o que a gente faz vida no discurso, não é?

NLG: Com certeza com certeza Inicialmente eu não pensava no Movimento Negro Educador como um conceito. Isso foi se consolidando a partir das leituras e interpretações realizadas a partir da minha obra. Eu o trouxe inicialmente como uma reflexão, mas de repente, as pessoas começaram a falar: Nilma, isso é um conceito. E me vi cada vez mais desafiada a explicitar, a falar um pouco mais sobre esse conceito, que é o que escrevi no último artigo que saiu na revista |Linguagem em Foco. Foi o primeiro momento em que me vi provocada a escrever sobre o conceito, porque as pessoas já estão trabalhando com ele. Hoje existem dissertações, teses nas quais as pessoas estão trabalhando com o conceito do Movimento Negro Educador e dele derivam outros, entendeu? Acho isso muito legal, porque é um conceito potente, então, isso é muito bacana. Eu cheguei até o conceito de Movimento Negro Educador, caminhando teoricamente. Antes, trabalhava com a ideia do movimento negro e a construção de um projeto educativo emancipatório. Comecei elaborando teoricamente a discussão de que o movimento negro construiu e constrói um projeto educativo emancipatório para o Brasil. Em seguida, comecei a refletir sobre o movimento negro e a articulação entre saberes e práticas sociais. Essa reflexão estava nos meus projetos de pesquisa e eu a desenvolvia com meus estudantes e foi um dos pontos do meu projeto de pesquisa como bolsistas de produtividade do CNPq. Também fez parte do meu projeto de pós-doutorado em sociologia, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sob a supervisão do professor Boaventura de Sousa Santos.

O meu livro *O Movimento Negro Educador* é resultado desse meu pós-doutorado, falo isso na apresentação do livro. Quando fui publicar, em conversa com um grande amigo sobre qual nome poderia dar ao livro chegamos a essa conclusão: não era mais uma publicação sobre o movimento negro. Na realidade, minha narrativa trazia uma reflexão educativa sobre a ação desse movimento ao longo dos séculos na sociedade brasileira como um

educador potente. Então, mais do que um título, atualmente, concluo que construí um conceito. Refleti muito sobre a minha relação com o movimento negro. Eu fui educada e reeducada por ele.

Percebi que muito do que hoje sei sobre a complexidade do racismo, sobre a educação e as relações étnico-raciais, tem a ver com a minha formação nesse movimento social, nas suas muitas formas de se expressar, com o que as ativistas e os ativistas negros produziram, escreveram, nas disputas políticas, na leitura de jornais, livros e revistas produzidos por esse movimento social. Fui reeducada pelo movimento negro, indo às passeatas, assistindo palestras, seminários, conversando com colegas ativistas, participando de grupos do Movimento Negro Unificado, em Belo Horizonte e na organização e participação de um grupo de estudos de estudantes negras e negros na UFMG, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Afro-brasileiros (GIEAB).

Isso não aconteceu somente comigo. Muitas outras pessoas negras que conheço dizem o mesmo. E esse processo também reeduca pessoas brancas. Há um processo de produção e organização de saberes vivenciado por nós e protagonizado pelas várias organizações do movimento negro brasileiro. E estas aprenderam com as organizações do passado e que deixaram um legado. Algumas podem até não existir, atualmente, mas o seu legado existe. E isso acontece por meio da oralidade, da produção escrita, das artes, da cultura, da produção intelectual. E há uma série de formas como esses legados vão circulando. Acho que o nosso grande desafio, hoj, e é fazer circular tudo isso para fora dos espaços que se nutrem desse legado. Porque se é um processo educativo e reeducativo, ele não pode estar sempre dentro da mesma bolha. Ele tem que expandir. E há uma resistência de setores da sociedade em admitir que eles também têm sido reeducados pelos movimentos sociais e principalmente pelo movimento negro. Há uma resistência para que esses saberes não penetrem, não entrem, não ocupem

outros espaços. Não é à toa que hoje a gente vê as pessoas conservadoras lutando para educar seus filhos dentro da sua própria casa, o *homeschooling*.

Não querem que seus filhos e filhas sejam "influenciados" pelos saberes que vêm das lutas por emancipação. Não é à toa que a gente vê escolas, por exemplo, do setor privado, de elite, que são verdadeiros nichos de classe e raça, inclusive com critérios específicos para selecionar professoras e professores para serem admitidos. Esses nichos existem como uma forma de não deixar circular esses outros discursos e saberes emancipatórios existentes na sociedade. Mas eles circulam, eles entram de alguma forma. Não com a força como gostaríamos, mas estão aí e fazem a diferença. Não é à toa que a gente vê essa reação extremamente violenta dos setores da elite e que são muito conservadores em relação aos discursos educacionais críticos e emancipatórios.

Quanto mais os grupos que estão no poder veem as suas ideologias conservadoras e racistas ameaçadas pelo conhecimento crítico, em especial, aqueles que dialogam com as lutas dos movimentos sociais, mais eles se tornam violentos e usam o seu capital cultural e econômico para impedir esse processo. Usam a política, as grandes mídias hegemônicas, a moda, as redes sociais, não é isso? Usam dos espaços os mais impensáveis que a gente possa imaginar.

BFF: Bom, não é?

GCVM: Muito bom, eu acho que como é a nossa entrevista que abre esse projeto, a gente está aqui todas juntas aprendendo muito. A gente poderia ficar aqui o dia inteirinho te ouvindo. Mas o que mais você poderia dizer para a gente, para as pessoas que estão assistindo, que querem trabalhar para a mudança de um mundo melhor? O que você falaria para elas?

NLG: Que pergunta difícil! O que eu vou falar para essas pessoas, gente? Acho que eu vou falar duas coisas. Uma é o que ouvi da minha mãe quando liguei pra ela chorando para falar sobre o golpe que tinha acabado de

acontecer em relação ao governo da presidenta Dilma, do qual fui uma das ministras. Ela falou assim: olha, enxuga as lágrimas, minha filha, porque resistência e luta são sinônimos do seu nome. Vou gravar isso na minha memória para sempre. Acho que eu falaria isso para as pessoas, sabe? Quem quer lutar e transformar a sociedade tem que entender que isso nunca vai acontecer sem resistência e luta. Nunca. Eu até gostaria que não tivesse tanta luta, mas tem. Temos que entender que resistência e luta precisam ser sinônimos dos nossos nomes. E as pessoas têm que aprender as suas formas de resistir, às suas formas de lutar, mas entender também que em alguns momentos é urgente que estejamos juntas e juntos, e juntes, não é? Todo mundo junto para fazer alguma transformação.

Desde a mobilização social nas ruas e passeatas até a postura de saber votar com consciência política. Temos que ser estratégicas e estratégicos. O Brasil é uma república representativa, então, ainda não tem outra forma de mudar as coisas no plano da política institucional se não for pelo voto nas pessoas que mais representem os ideais da democracia, da justiça, do antirracismo. Quantas vezes ouvimos: “Ah, não vou votar em ninguém”. Esse tipo de discurso é resultado de uma ignorância política do nosso país e a gente está sofrendo com esse pensamento político equivocado até hoje e está difícil desconstruí-lo. E a outra coisa que quero deixar para as pessoas é algo que a gente não pode perder. Eu me lembro que na década de oitenta, quando a gente estudava a luta da classe trabalhadora contra o capital, que a gente não podia falar de afeto porque parecia que ao falar sobre isso íamos amolecer a luta.

Mas o afeto estava lá, pois ele sempre existiu, mas a gente não podia falar sobre ele e nem expressar muito afeto. Hoje, nós somos chamadas a vencer um outro tipo de sentimento que é o ódio. E temos que vencer o ódio pelo afeto, pelo amor. É o amor como ato político, como bell hooks chama atenção. Não é o amor piegas, mas é o amor como um ato político. Acho que

isso é um grande desafio para nós. Já que a gente está falando sobre a linguística aplicada, vamos pensar assim: qual é a linguagem que a gente vai poder nos comunicar tendo o amor como um ato político? Qual discurso nós vamos produzir, então, para ir na contramão dessa sensação de que, para todo lado que a gente vai, o ódio está prevalecendo? Como uma boa pisciana, eu sinto muito isso, isso me afeta também. Então, acho que a gente precisa construir formas de fazer o afeto circular. O afeto tendo o amor como um ato político, não como algo que nos amolece, mas que nos fortalece na hora em que a onda do ódio vem. Acho que eu diria isso.

GCVM: Obrigada, Nilma. Branca. Você quer fazer alguma colocação para a gente poder encerrar?

BFF: Não, quero só dizer que a sua fala toda, ela produz esperança, sabe, Nilma? Não a esperança piegas, mas a esperança e a vontade de trabalhar, transformar e não desistir.

NLG: É isso aí. Eu que agradeço.

BFF: Obrigada.

NLG: As perguntas mexeram muito comigo também, eu fiquei pensando muito. Aí eu queria fazer uma última fala. Eu escrevi isso no nosso grupo de WhatsApp, mas eu queria dizer e agradecer, principalmente a Glenda, que teve toda essa construção do projeto, não é, Branca? Porque nunca imaginava que essa reflexão tenho feito sobre o Movimento Negro Educador pudesse resultar em ações tão fortes e tão contundentes como esse projeto de pesquisa. Ver as pessoas todas pensando em torno do conceito, me engrandece muito. Fico muito feliz. Isso me honra muito como mulher negra e pesquisadora, de pensar assim: “Poxa, que bom que estou deixando alguma coisa registrada, um pensamento que está ajudando as pessoas a compreenderem mais esse mundo, a pensar mais a emancipação”. Então, me honra, sabe? Me engrandece no sentido de me sentir honrada. Não poderia deixar de registrar isso nesse primeiro momento da série de entrevistas que

faremos em torno do projeto O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina.

CONCLUSÃO

Ao acompanhar a entrevista, os aspectos constitutivos do conceito de Movimento Negro são explicitados. O movimento é plural, composto por coletivos culturais, religiosos, artísticos, de mulheres, juventudes, quilombolas e intelectuais, todos organizados em torno do combate ao racismo e da construção de uma sociedade antirracista. Tal transformação exige resistência, luta coletiva, consciência política e a construção de uma linguagem guiada pelo amor como ato político. Desse modo, fortalecer o Movimento Negro Educador significa expandir seus saberes emancipatórios com práticas de afeto, justiça e compromisso ético.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro Educador, saberes emancipatórios e a construção de um projeto democrático. *Linguagem em Foco*, Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, v. 16, n. 4, p. 1-15, mar. 2025. ISSN 2176-7955 (impresso); 2674-8266 (online).

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, 2018.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador*: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. ISBN 978-8532655793.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e produção de saberes. *Política & Sociedade*, v. 10, n. 18, p. 133-154, 2011.

Recebido em: 18/08/2025

Aprovado em: 24/09/2026